

# **INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

## **DESTAQUES IPADES**

**JANEIRO 2014**

### **Centro de Pesquisa com Seringueira em São Paulo**

O Instituto Agrônomo (IAC), de Campinas, passa a ter o Centro Avançado de Pesquisa Tecnológica do Agronegócio de Seringueira e Sistemas Agroflorestais. A unidade de pesquisa da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), em Votuporanga, se tornou um centro especializado em heveicultura a partir de decreto assinado em 4 de dezembro de 2013, pelo governador Geraldo Alckmin. O objetivo é reunir competências multidisciplinares no Centro, o único no Brasil com esse perfil, onde serão conduzidas pesquisas com seringueira e sistemas integrados de produção agropecuária e de espécies florestais de interesse econômico. As atribuições do Centro estão sendo elaboradas pelo coordenador da APTA, Orlando Melo de Castro, em conjunto com a equipe técnica.

A unidade de Votuporanga possui 30 hectares com seringueira e conduz, atualmente, pesquisas com cerca de 600 clones. Lá, há um banco de germoplasma com cerca de 200 acessos, que somado às coleções que ficam no IAC, em Campinas, e no Polo da APTA, em Colina, compõe um dos maiores bancos de germoplasma da espécie no Brasil. Na fazenda Santa Elisa, do IAC, em Campinas, há cerca de cem clones, introduzido em 1952.

Com estudos em seringueira desde a década de 50, focadas em obtenção e avaliação de materiais, o IAC, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, já lançou 31 clones de seringueira, todos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Os resultados do Instituto contribuíram para fazer de São Paulo o maior produtor nacional de borracha natural. As mais recentes contribuições do IAC foram a disponibilização de 15 clones da série IAC 500, que se caracteriza por apresentar redução do período de sangria de sete para cinco anos, com produtividade semelhante ao clone

RRIM 600, o mais cultivado no Brasil. Esses materiais já estão à disposição dos heveicultores paulistas.

**A Amazônia no final do século 19 teve na economia gomífera um esplendor de sua economia refletida no desenvolvimento das cidades de Manaus e Belém. Na balança comercial brasileira foi o segundo produto de exportação depois do café. A região possui áreas de escape ao fungo *Microcyclus ulei*, além de tecnologia e sistemas de produção, entretanto não consegue acompanhar o exemplo paulista que lidera a produção nacional de látex, e acaba de implantar um centro de pesquisa para seringueira. Falta decisão política em tornar a região uma grande produtora dessa matéria-prima que o país importa.**

### **São Paulo Integra Produção Científica**

A produção científica das universidades de São Paulo (USP), Estadual de Campinas (Unicamp) e Estadual Paulista (Unesp) poderá ser encontrada e consultada livremente em um único portal na internet. Trata-se do Repositório da Produção Científica do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP), (<http://cruesp.sibi.usp.br/>) criados por iniciativa e com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e lançado durante a 4ª Conferência Luso-Brasileira de Acesso Aberto, no dia 6 de outubro de 2013. O portal irá preservar e dar acesso à produção dos pesquisadores das três universidades estaduais paulistas. Reunirá teses, dissertações, artigos, livros, resumos e trabalhos apresentados em reuniões e congressos científicos, entre outras publicações oferecidas pelas instituições em seus repositórios. Por ora, o portal do Cruesp reúne 56 mil artigos publicados entre 2008 e 2012 em revistas indexadas na *Web of Science*. A meta é publicar os incluídos em outras bases, além de outros tipos de publicações. Segundo Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da FAPESP, o lançamento do Repositório da Produção Científica do Cruesp é essencial para o funcionamento de uma política de publicação de resultados de pesquisas científicas financiadas com recursos públicos em acesso aberto, como a que a FAPESP está instituindo. “Isso porque garante o autoarquivo de artigos publicados por pesquisadores da USP, Unicamp e Unesp nos repositórios dessas instituições, vencido o período de embargo estabelecido pelas revistas científicas nas quais os trabalhos foram publicados”, afirmou Brito Cruz, segundo a Agência FAPESP.

**Trata-se de iniciativa louvável a ser seguida por outras instituições de ensino e pesquisa, dos demais estados da federação, visto que o conhecimento e a informações são variáveis imprescindíveis ao desenvolvimento no século 21, que dispõe do sistema de informação on line.**

## **O Brasil Ainda É Uma Economia Fechada**

**O Brasil continua tendo a sua economia muito fechada nas comparações internacionais, por qualquer indicador que seja utilizado e essa condição não é boa para o desenvolvimento.**

O grau de abertura do Brasil, medido pela corrente de comércio (exportação mais importação) sobre o PIB, subiu de 17%, em 1991, para 25%, em 2011, com pico de 29%, em 2004. Essa evolução empalidece quando comparada com outros países que também ampliaram suas aberturas no período – em alguns casos, em ritmo superior ao brasileiro.

Assim, entre 1991 e 2011, o grau médio de abertura dos BRICs mais a Indonésia, México e Turquia, quase dobrou de 33% para 57%. Na América Latina, o indicador – média ponderada de 17 países excluindo o Brasil – subiu de 60% para 74% nessas duas décadas. A média mundial – não ponderada, e incluído 121 países – foi de 66% para 91%.

Outra comparação interessante é com a Coréia do Sul, país frequentemente citado nas discussões sobre desenvolvimento no Brasil, como exemplo de sucesso na trajetória da renda baixa para a alta, sem cair na armadilha da renda média. O grau de abertura coreana subiu de 55%, em 1991, para 110%, em 2011.

Mesmo comparando-se com economias superdesenvolvidas e grandes, com tradição de autossuficiência, como Estados Unidos e Japão, verifica-se que o Brasil é mais fechado. O grau de abertura japonês saiu de 18% para 32%, de 1991 a 2011, e o americano, de 21% para 32%.

A economia brasileira precisa se conectar nos dois sentidos com o mundo, precisa romper com a herança colonial, de economia fechada por força do sistema mercantilista português, ainda presente em segmentos empresariais e políticos atuais. É bom lembrar ainda que a abertura da economia brasileira à importação de bens de capital reduziria o preço relativo do investimento no país, o que seria desejável diante das baixas taxas de poupança doméstica e de formação bruta de capital.

Por outro lado, a justa reivindicação do setor manufatureiro nacional por melhores condições de competitividade não deve ser entendida e atendida na forma de mais protecionismo.

### **Florística e Estrutura Arbórea de Ilhas de Mata**

Ilhas de mata são fragmentos florestais isolados encontrados em áreas abertas das zonas de contato savana-floresta dos Neotrópicos. Na América do Sul, essas formações naturais foram originadas pelo mecanismo de expansão e retração das grandes massas vegetais, ocorrendo por ocasião da atuação de climas secos ao longo do Quaternário.

Por essa condição são consideradas relíquias paleoclimáticas do maciço florestal pretérito, proporcionando seleção de espécies e adaptações de genótipos devido ao isolamento físico. Assim, essas fitounidades podem ser definidas como formações estacionais residuais pleistocênicas, sendo amplamente reconhecido que florística e ecologicamente devam ser consideradas separadamente em uma análise biogeográfica, pois suas espécies componentes reagem diferentemente às trocas ambientais. No Brasil são comuns nas zonas de transição entre os biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal e Caatinga, enquadrando-se na ampla definição Holdridge.

Nos cerrados do Brasil Central e no Pantanal, essas formações florestais podem receber o nome de “capão de mata”. Na Amazônia brasileira, essas formações florestais estacionais historicamente são descritas como dispersas nos grandes encaves de campos e savanas regionais, contrastando floristicamente com o contínuo florestal adjacente.

Diferente das formações florestais estacionais existentes nos cerrados do Brasil Central, reconhecidas por abrigarem uma rica diversidade de plantas, pouco se sabe a respeito dos remanescentes florestais naturais da Amazônia. Informações sobre a comunidade arbórea dessas ilhas de mata são importantes porque podem indicar necessidade de estabelecer estratégias de conservação consistentes que apontem afinidades biológicas entre diferentes fragmentos e resguardem esses remanescentes florestais paleoclimáticas.

Os pesquisadores Naiara Marta Conceição dos Santos, José Frutuoso do Vale Júnior, da Universidade Federal de Roraima, e Reinado Imbrozio Barbosa, do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, pesquisaram essas formações florestais em áreas de savanas no

estado de Roraima. Há muito essas formações vêm sendo perturbadas por ação antrópica, do mesmo modo que as bordas da floresta contínua com a savana.

A pesquisa ocorreu na grande área de savana do Nordeste de Roraima – regionalmente denominada de “lavrado” – onde essas formações estão estabelecidas ao longo do limite com a floresta contínua. Realizaram um inventário florestal com questões específicas: se a estrutura horizontal da comunidade arbórea é homogênea entre as formações; que composição, riqueza e diversidade de espécies estão associadas à dimensão das ilhas de mata; qual o grau de similaridade florística entre os fragmentos investigados; se existem grupos de espécies arbóreas definidas pelo tamanho do fragmento.

Além de respostas específicas sobre ações antrópicas, composição florística, dimensão dos fragmentos e espécies arbóreas exclusivas, de forma geral concluíram que em virtude dos diferentes níveis de perturbação não foi possível a construção de um firme padrão entre composição florística, estrutura e dimensão dessas formações florestais sazonais. Isto indica que tais formações florestais devam ser protegidas para que pesquisas possam melhor conhecê-las, e a sociedade poder se beneficiar da riqueza aí existente, em prol de seu desenvolvimento.